

Nos dez anos da "Educação e Matemática"



No âmbito das comemorações dos dez anos da Educação e Matemática foi criada esta secção especial onde publicaremos todos os depoimentos que nos forem chegando, correspondendo ao apelo feito no número anterior.

Há-de haver sempre quem nos lê

Apenas porque a Redacção da revista me é tão querida, não posso deixar de procurar responder às vossas questões, embora considere que não tenho nada de particularmente interessante a dizer!

Quando recebo a revista o que faço? Por inútil que pareça começo por ler o índice (verso da capa). Algum artigo que me desperte a atenção começo a lê-lo, primeiro em diagonal e depois completamente, caso continue interessada. Continuo este processo até ficar com algumas coisas pelas quais passo a vista por alto. Geralmente o que selecciono em 1º lugar são artigos. Os materiais para a sala de aula são também sempre olhados.

Em termos de utilização: pego na colecção das revistas quando estou a trabalhar nalgum tema específico. Os números temáticos são muito úteis para este efeito.

Pelo que acabei de referir, considero que devem continuar a existir números temáticos. Gostaria também que fosse mantida a ideia de tradução de artigos estrangeiros que de outro modo tornar-se-ão pouco ou nada acessíveis aos professores em geral (a relutância que costumam demonstrar em ler artigos escritos noutras línguas é do conhecimento geral).

Reconhecendo que pode ser um pouco arriscado, acho que, em termos de sugestões para o futuro, deveria ser introduzido, aos poucos, um artigo mais teórico, por número.

Em termos de passado e evolução nestes 10 anos, considero que se nota uma evolução positiva, nomeada-

mente no aspecto gráfico e na organização/estrutura da revista.

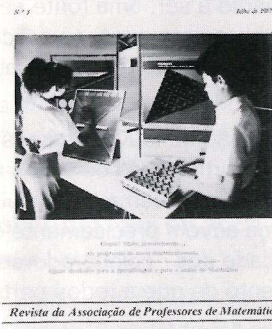
Não tenho nenhum indicador do impacto da revista junto dos professores, assim a minha opinião é apenas intuitiva. Tomando este ponto como ponto de partida, considero que uma revista da qualidade que esta já tem, com uma tiragem de 3500 exemplares, revela uma dinâmica indiscutível da Associação.

Quanto a angariar pessoas para colaborarem não tenho nenhuma sugestão promissora. Acho que os professores de matemática em geral não são muito solicitados a escrever no seu dia a dia profissional, pelo que, à partida não é uma tarefa em que se sintam muito à vontade e com autoconfiança. Pela parte que me toca 90% das minhas colaborações surgiram por solicitação exterior e não por meu oferecimento espontâneo. Aceitei porque me parecia que eu seria uma pessoa indicada para o pedido, ou por razões afectivas face à pessoa ou pessoas que me contactaram.

Em termos de reacções face à minha contribuição fico sempre muito admirada quando alguém me diz que conhece o meu nome por um artigo que escrevi (já me aconteceu por várias vezes) e expressa que conhece as minhas opiniões, concordando ou discordando, etc. Acho que nunca tenho presente que com uma tiragem de 3500 exemplares há-de haver sempre alguém que nos lê!

Um último aspecto relaciona-se com a seguinte questão: até quando se poderá assegurar a tiragem dos 4 números anuais totalmente feita por um grupo de professores carolas, que

Educação e Matemática



Capa do nº 3 da Educação e Matemática

disponibilizam de X horas? Será que manter esta estratégia não porá em risco a médio prazo a própria revista?

Bom trabalho! Força!

Leonor Cunha Leal



Um gosto, uma crítica, um pedido

Caros colegas

Respondendo ao Vosso pedido de uma carta, um parágrafo, etc...

- O que eu gosto na Revista:

- . a variedade de temas
- . o aspecto gráfico
- . os números temáticos

- Uma crítica:

. tenho sentido cada vez mais a falta de uma secção dedicada aos chamados reviews, de livros ou de software

- Um pedido:

. por favor não aumentem a publicidade

Os meus parabéns pelo décimo aniversário da Revista e um obrigado a todos. Bom trabalho.

Um abraço.

Branca Silveira

10 Anos de Revista

As revistas *Educação e Matemática* fazem parte integrante e fundamental do nosso "centro de recursos" privado, desde o seu primeiro número, e isto porque, para além de mais, elas foram, são e estamos certos de que continuarão a ser, uma fonte segura de pesquisa para quem as solicite em qualquer momento e sobre qualquer tema.

Por isso, são de louvar os constantes apelos à participação de todos na elaboração da mesma, pois muita da sua força advém precisamente da diversidade dos "colaboradores" e do sentimento de que a todos pertence.

A Educação e Matemática teve sempre um papel importantíssimo na nossa "formação contínua própria", trouxe-nos sempre as "novidades", os problemas, os computadores, o Escher, a Reforma, as calculadoras gráficas, a investigação, o cubo, os novos programas, ...

Há alguns números da revista que recordamos com especial carinho, por questões sentimentais: o 29, onde apareceu um texto sobre a actividade desenvolvida pela Célia e pelos seus estagiários, na escola onde hoje se encontra sediado o Núcleo, a propósito do π ; os números 8 e 9 onde, navegando num tronco de árvore se descia o Tejo, apareceu o nosso querido Zé Paulo Viana, com tudo o que de bom trazia consigo ("Gosto muito de problemas!", começou por dizer ...).

Bem hajam!

Núcleo de Braga



Entre a E&M e a Quadrante?

Em geral, existe alguma vivacidade na Revista — as mudanças ensaiadas vão tendo frutos.

Os leitores que eu conheço ou contacto gostam da revista. É verdade que, como dizia uma leitora em carta à revista (nº 34, p. 35) esta tem um aspecto de "perfeição" e "acabamen-

to" que se torna, por contradição ... inibitivo! Será que o papel couché, e o tipo de letra igual em todos os artigos tendem a criar uma sensação de afastamento?! Do género: aqui está o ideal, inatingível por quem anda a labutar no dia-a-dia.

Não desanimem, colegas redactores: o nosso corpo docente sempre foi muito de guardar muitos materiais, fazer muitas pilhas de fotocópias, e utilizar, experimentar, pouco. Não esqueçamos: essa é uma característica geralmente apontada a outras actividades, culturais ou criativas, no nosso país: por razões estruturais há pequena massa crítica, poucas oportunidades de levar à prática uma ideia ou teoria e, portanto, de confrontá-la com essa prática. Ou será que tudo melhoraria se a importância social do professor (na nossa sociedade) melhorasse? Bem, e como melhorará esta sem alterações estruturais???

Na APM existem 3 publicações — 3 níveis informativos, por assim dizer: a folha ou boletim *APM informação*, a *E&M* e a *Quadrante*. Está bem: a *E&M* deixa à folha informativa as novidades, iniciativas dos núcleos, etc. E deixa à *Quadrante* a Teoria.

Não sei se alguma vez foi combinado ... mas as pequenas dúvidas, curiosidades, etc., de índole científica, não são ventiladas em nenhuma das publicações: creio que um professor que tenha dessas necessidades procurará resposta para elas junto... da SPM ou, como a conteceu nos últimos anos (em que a formação contínua via FOCO viu avançar as Faculdades por esse campo, e ainda bem para as Faculdades), junto das Faculdades.

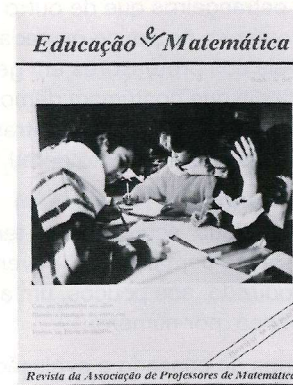
Mas, eu pessoalmente, sinto falta de qualquer coisa entre a "E&M" e a "Quadrante". Poderá ser tão só alguma falta de sistematização dos temas; algumas vezes tentada mas nunca levada suficientemente longe. Exemplificando: calculadoras gráficas - manter uma secção regular durante vários números; a mesma coisa para geometria-geométrias, ou para o ambiente na sala de aula, etc., etc.

Reparem: não digo que resultasse. Só sinto que: 1) ajudaria a redacção, ao delegar em colaborador(es) permanente(s); 2) ajudaria este(s) no confronto com a dificuldade da tarefa; 3) seria mais fácil suscitar a dinâmica leitor-revista. Isto não seria impeditivo de manter 3/4 das páginas da revista como hoje estão, inclusive, de manter números temáticos. Mas há uma coisa, que é simultaneamente uma necessidade para quem gosta de escrever e a forma de trabalhar da APM: a relação, a dinâmica, entre ensinar, reflectir, levantar questões, debater, ir outra vez experimentar, voltar a mostrar aos outros, etc., que dificilmente fica satisfeita com a publicação eventual, do género: "Ah, sim, no número tal saiu um artigo giro sobre isso."

Depois: porque não aparecem mais recensões sobre artigos e teses ou revistas estrangeiras, eventualmente temáticas — "importância do TPC" ou "o (in)cumprimento dos Programas" ou "é verdade que as raparigas estão a ter melhores notas que os rapazes, no acesso (?) e na frequência do ensino superior", etc — sem preocupações de "definir doutrina" ou de "obter unanimidade" dos pontos de vista?

Estou disponível para colaborar em qualquer coisa. Se eu estivesse ligado à internet, continuaria este debate... Assim, chapéu...

José Carlos Frias



Capa do nº 4 da *Educação e Matemática*